

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



NARRATIVAS DE UM ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Lucas Machado¹

Milene da Silva Oliveira²

Carla dos Reis Rezer³

Deizi Domingues da Rocha⁴

Esta pesquisa tem como intuito revelar o processo de formação inicial em Educação Física de um estudante com deficiência visual, por meio da autobiografia. A proposta torna-se um instrumento de reflexão sobre a vida pessoal e acadêmica de um estudante com deficiência visual em que seja possível perceber conexões no processo de formação inicial, no qual as narrativas de memórias e experiências serão elementos fundantes desta trajetória. A escrita autobiográfica leva a compreender a própria vida, os sentimentos, bem como permite questionar possibilidades de condições acerca da compreensão do cotidiano. Conforme Josso (2007) o processo de escrita permite uma análise sobre os modos que os sujeitos se compõem perante a sociedade, propiciando pensar sobre as experiências de socialização.

Neste sentido, as reflexões e narrativas apresentadas neste trabalho, são demonstradas a partir do depoimento pessoal do estudante com deficiência visual, e partir de agora serão descritas em primeira pessoa.

As narrativas das memórias, centradas na reconstrução de histórias, tem propiciado a reflexão sobre a minha vida e consequentemente a formação acadêmica. Nesse sentido, procuro compreender e analisar as possíveis relações entre, a história de vida e a perda da visão em consonância com a formação no curso de Educação Física. Sendo este um texto autobiográfico vislumbro narrar, refletir e tensionar de forma crítica e sensível os acontecimentos de vida. Josso (2007, p. 414) oferece-nos uma ilustração desse exercício pela via do rememorar no qual “o trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida (...), reflexão a partir da narrativa da formação de si (...) permite estabelecer a medida das

¹ UNOCHAPECÓ – lucas.machado@unochapeco.edu.br

² UNOCHAPECÓ – mileoliveira@unochapeco.edu.br

³ UNOCHAPECÓ – rezer@unochapeco.edu.br

⁴ UNOCHAPECÓ – deizirocha@unochapeco.edu.br

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social.

Ao retomar minha história de vida percebo um momento de autoconhecimento, reflexivo e doloroso. Doloroso por lembrar perdas ao longo de minha trajetória de vida, mas também de reconhecer que as perdas, os sofrimentos me fortaleceram, tendo uma compreensão melhor do mundo. É com esta ótica que discorrerei sobre minha vida. Ingressei na graduação em Educação Física (licenciatura) da Unochapecó em 2018. Durante este período de formação, tenho ampliado a visão de mundo, criado aberturas para ideias e diálogos, fortalecido para conhecer e rever-me como sujeito histórico inacabado e em profunda transformação (FREIRE, 2011).

Todos têm história. Desde muito cedo assumi a responsabilidade de cuidar da casa e de meus irmãos. Usava óculos ainda criança, pois tinha dificuldades visuais, mas nunca havia realizado algum exame para saber o que estava acontecendo. Na transição da adolescência para vida adulta, fui diagnosticado com distrofia macular, período difícil da minha vida. A partir do diagnóstico, veio à busca pelo tratamento e a esperança em não ficar cego. Com isso outras “perdas”, o afastamento do trabalho, a desistência do curso técnico e o esperado: “me fechei no meu mundinho”. Confesso, não tenho muitas lembranças desse período de perdas e mudanças, mas sabia que as “coisas” não poderiam ficar assim, eu precisava de um tempo.

Em 2013 conheci alguns esportes para pessoas com deficiência. Na Associação de Deficientes Visuais do Oeste de Santa Catarina (ADEVOSC) na cidade Chapecó tornei-me atleta de goalball, período importantíssimo para o (re)encontro com o meu “corpo próprio”. Juntamente ao esporte dei início ao meu processo de reabilitação visual. Além das atividades específicas para reabilitação tive a oportunidade de conhecer outras pessoas com deficiência visual, que já tinham “superado” a perda da visão e me ajudaram no processo de reconhecimento de minhas limitações e potencialidades. Em 2016 formei em massoterapia. Então 2018, inspirado por colegas da instituição já inseridos na universidade e por uma professora que sempre me incentivou no processo de reabilitação, ingressei o Ensino Superior.

Deu-se então o início a uma nova caminhada, talvez a mais esperada. Embora, estivesse entusiasmado e motivado para o início da vida acadêmica, surgiam algumas inquietações referentes às dificuldades que enfrentaria. Toda essa angústia reportava-se a

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



inclusão na universidade, na sala de aula, e, como seria a relação com os colegas e professores? Teria materiais adaptados? Acessibilidade? Que outras adversidades encontraria? Sem dúvida, essas indagações contribuíram para a escolha deste tema de pesquisa, pois proporcionam voltar atrás, olhar e refletir a trajetória acadêmica, estabelecendo relação entre os desafios, os facilitadores e as conquistas no decorrer desse processo vivido.

Narrar memórias e experiências desse período de formação inicial é um desafio, pois evidenciar relações de vida pessoal e profissional, traçando tempos e movimentos a partir da minha leitura de mundo e, em outros momentos pelos olhares, interpretações e subjetividades de outras pessoas com suas leituras de mundo se torna um caminho “arenoso”, amplo e profundo. Nesse sentido, a pergunta que orienta esta pesquisa é: Como vem ocorrendo o processo de formação inicial em Educação Física de um estudante com deficiência visual a partir das próprias narrativas?

O presente estudo caracteriza-se como uma autobiografia. A narrativa será a metodologia utilizada, no qual as memórias, experiências, anotações, diário de campo e relatório dos estágios servirão como base de dados. A abordagem deste estudo é de cunho qualitativo, pois, “na pesquisa qualitativa, de forma muito geral, segue-se a mesma rota ao realizar uma investigação. Isto é, existe uma escolha de um assunto ou problema, uma coleta e análise das informações” (TRIVIÑOS, 1987, p. 131). O desenvolvimento será a partir das narrativas das memórias, em que a minha história de vida será vista como um processo de aprendizagem e formação pessoal e profissional. Para esta escolha, cabe salientar que serão trabalhadas as emoções, indagações e lembranças, vividas após a perda da visão, bem como durante a trajetória acadêmica, juntamente com um referencial teórico que abrangerá o tema em destaque: a autobiografia.

A análise dos dados permitirá uma comparação entre o passado e o presente permitindo uma reflexão sobre a trajetória acadêmica, pontuando os momentos marcantes. Nas palavras de Simas; Padro e Segóvia (2019) esta experiência de rememorar é importante para rever e compreender os acontecimentos, observando os avanços e o envolvimento social. Ainda, segundo os autores, percebe-se que analisar as narrativas é criar um instrumento reflexivo, buscando lembrar no passado os desafios enfrentados, os quais dificultaram no início da formação acadêmica a relação social, tentando quebrar alguns paradigmas socialmente construídos. Com isso torna-se possível entender todo o processo do qual o

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO
UFFS

PARCERIA

Curso de
Pedagogia



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

Programa de
Pós-Graduação
em Educação



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ



I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



sujeito envolve-se buscando romper com as barreiras que impendem o sujeito em demonstrar suas capacidades. Todos os registros analisados permitirão conhecer as etapas vivenciadas na história de vida.

Este trabalho propõe versar sobre a inclusão no Ensino Superior e leis que amparam a inclusão das pessoas com deficiência visual, bem como, aproximações com a formação inicial em Educação Física, e a pesquisa autobiográfica como ferramenta para o conhecimento e aprendizagem através de narrativas do sujeito falando de si.

O movimento de inclusão no ensino superior, assim como na educação básica foi assegurado pelas leis e decretos citados acima, que tratam da garantia de direitos, tais como a promulgação da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, aprovada em 2008 (BRASIL, 2008), que propõe a transversalidade da educação especial também no Ensino Superior. Ainda, considera que para uma instituição inclusiva é preciso mais do que a eliminação de barreiras arquitetônicas, a concepção de inclusão precisa envolver o respeito pelas diferenças e pela diversidade.

Recentemente a Lei nº 13.146/2015 (2015), Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, vem para reforçar o acesso ao um ensino de qualidade, levando em consideração as especificidades de cada deficiência. Afirmar, em seu Art. 27, que “a educação é um direito da pessoa com deficiência e que o sistema educacional deve ser inclusivo em todos os níveis” (2015, p. 34). O processo de inclusão vai muito além de cumprir as normativas e propor acessibilidade nos diferentes formatos. É olhar para as potencialidades do estudante, visando a permanência do mesmo até a conclusão do curso com qualidade.

De acordo com Pieczkowski (2019, p. 6) “o convívio com a diferença é uma demanda docente e, mais do que meramente conviver, é necessário reconhecer o outro na sua diferença e reinventar a docência”. Assim, pensar a educação inclusiva, não é apenas cumprir as exigências das políticas públicas e criar uma igualdade romantizada de qualquer grupo social, mas sim promover o respeito às diferenças e à singularidade do sujeito. Como afirma Mantoan (2004, p. 7-8): “há diferenças e há igualdades, e nem tudo deve ser igual nem tudo deve ser diferente, [...] é preciso que tenhamos o direito de ser diferente quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza”. Mas como pensar nesse processo quando tratamos de uma formação inicial que desafia o estudante a

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO
UFFS

PARCERIA

Curso de
Pedagogia



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

Programa de
Pós-Graduação
em Educação



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ



AMOSC
ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DE SANTA CATARINA

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



(re)conhecer, “lidar” com o próprio corpo e com as potencialidades do corpo do outro, que tem na execução do movimento humano o seu cerne, objeto de estudo.

O parecer 584/2018 aponta as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN’s) do curso em Educação Física estabelecendo que “[...] o graduado em Educação Física deverá estar qualificado para analisar criticamente a realidade social, para nela intervir acadêmica e profissionalmente por meio das manifestações e expressões culturais do movimento humano [...]”. O Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Educação Física (PPC), Licenciatura da Unochapecó (2014, p. 27) aponta a “formação do professor baseada na aprendizagem orientada pelo princípio da resolução de situações-problema como uma das estratégias didáticas privilegiadas, com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão, visando à atuação em situações contextualizadas”.

Ainda no PPC (2014, p. 41) o curso tem como “objetivo formar profissionais com competências, habilidades e conhecimentos técnico-científicos, éticos, políticos, filosóficos e didático - pedagógicos, qualificando-os para intervir de forma crítica e reflexiva no contexto escolar”. Compreende-se assim, uma formação que tem como foco o aprendizado mútuo, que desenvolverá juntos aos acadêmicos conceitos, habilidades e competências, através de sua matriz curricular de forma a tornarem-se sujeitos críticos e participativos nos seus diversos contextos de atuação profissional e de convivência social. Contar e refletir sobre o processo de formação inicial por mim experienciado pode representar um caminho profícuo para futuros estudos e, sem dúvida, para o meu tornar-se professor.

O desenvolvimento do trabalho autobiográfico nos torna protagonistas da nossa própria história, a cada passagem trazida pela memória, faz refletir sobre as transformações vividas no decorrer dos anos. A memória, assim, torna-se um fio condutor para a retomada de momentos vividos pelo sujeito, que sustentarão as lembranças como categorias significativas ou não, como a concepção de Assman (1996, p. 30) quando diz que a memória é “um conjunto de habilidades para construir significados e possibilidades de ações”. As narrativas autobiográficas têm como características a análise das situações e experiências vividas.

Penso nas memórias relevantes que serão lançadas ao discorrer esse trabalho, ressaltando as experiências vividas, no qual muitas foram marcantes em todo o processo. Assim, falar do processo vivido na graduação me reporta aos caminhos percorridos até chegaraqui: a minha trajetória de vida.

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



Palavras-chave: Autobiografia. Formação Inicial. Educação Física. Deficiência Visual.

REFERÊNCIAS:

ASSMAN, Hugo. **Metáforas novas para reencontrar a educação: epistemologia e didática**. Piracicaba. Editora: Unicamp, 1996.

BRASIL. **PARECER CNE/CES Nº: 584/2018**. Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Educação Física. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2018-pdf-1/99961-pces584-18/file>. Acesso em: 28/08/2020.

_____. **LEI nº 13.146/2015** de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), 2015.

_____. **Ministério da Educação**. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. MEC; SEEP; 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

JOSSO, Marie-Cristhine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação, Porto Alegre, ano XXX, v.3, n.63, 413-438p. set.-dez. 2007.

MANTOAN, Maria Teresa, Eglér. **O direito de ser, sendo diferente, na escola**. Revista CEJ, Brasília, n. 26, p. 36-44, 2004. Disponível em: <http://eurydice.nied.unicamp.br/portais/todosnos/nied/todosnos/acessibilidade/textos/revistas/A2.doc/view.html>. Acesso em: 13 jan. 2017. Acesso em: 28 de fev de 2021.

PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. **Mediação pedagógica na relação com universitários com deficiência Educação**. Santa Maria- v. 44, 2019 Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao>. Acesso em 10 de Nov. de 2020.

SIMAS, Vanessa, França; PRADO, Guilherme; do Val; Toledo; SEGOVIA, Jesus; Domingo. **Torna-se professora: o saber da experiência na pesquisa narrativa**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica. Salvador, v. 04, n.12, p. 991-1004, set./dez/ 2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

PPC. **Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física Licenciatura**. Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ. Chapecó, 2013.

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO
GPPIN

PARCERIA

Curso de
Pedagogia



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

Programa de
Pós-Graduação
em Educação



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ



UNOCHAPECÓ
UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ



AMOSC
ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DE SANTA CATARINA